

ÁLVARO ALBERTO, UM AGENTE DO ESTADO E DA GUERRA ENTRE DEMOCRACIAS E DITADURAS: NOTAS E TRAJETÓRIA DE PESQUISA

Fabília Nascimento Silva de Oliveira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
fabriciansilva@yahoo.com.br

Resumo:

O presente trabalho tem por objeto a atuação de uma fábrica de explosivos denominada *Rupturita S/A Explosivos*, instalada no 3º Distrito de Nova Iguaçu no final da década de 1940 e a trajetória de vida de seu mentor, Almirante Álvaro Alberto da Motta Silva. A partir da narrativa de uma trajetória pessoal na construção de um objeto de pesquisa acadêmico, pretende-se compreender a relação entre o processo de expropriação e exploração da classe trabalhadora na Baixada Fluminense, com o desenvolvimento de uma da indústria de guerra. Álvaro Alberto morre em 1976, após uma longa e íntima trajetória com o desenvolvimento militar do Estado brasileiro. A *Rupturita S/A Explosivos*, contudo, encerra suas atividades apenas em 1994. O encerramento dessas atividades não representa o fim dessa história no território iguaçuano, que segue sendo explorado pela empresa *Condor Tecnologias não letais*, a mesma que fabrica spray de pimenta, bala de borracha, arma de choque e afins, utilizadas na repressão da classe trabalhadora e camponesa, desde a Baixada Fluminense até o Oriente Médio.

Palavras-chave: Rupturita; Indústria de armas; Nova Iguaçu; Álvaro Alberto.

Abstract:

In this work we follow and discuss the trajectory of an explosives factory - *Rupturita S/A Explosives*, established in the 3th District of Nova Iguaçu in the late 1940s, and the life history of its mentor, Admiral Álvaro Alberto da Motta Silva. Assuming the narrative of a personal trajectory in the construction of the object of an academic research, we intend to understand the relationship of the process of exploitation and expropriation of the working class (labor force) in the *Baixada Fluminense* region and the development of a war industry. Álvaro Alberto dies in 1976, after a long and intimate trajectory with the military development of the Brazilian State. *Rupturita S/A Explosives* closes its activities only in 1994. But the cessation of these activities does not mean the end of this story at Nova Iguaçu, for similar products keep being produced in the same territory by *Condor non-lethal Technologies*, the same facility that produces pepper spray, rubber bullets, shock weapons, and other items used in the repression of the labouring class and the peasants, from the *Baixada Fluminense* to the Middle East.

Keywords: Rupturita, Arms Industry, Nova Iguaçu; Álvaro Alberto.

Introdução:

Início a trajetória desse trabalho relatando parte de minha infância, no final da década de 1980, quando eu ouvia várias vezes ao dia muitas explosões no meu bairro, explosões que nos assustavam e que muitas vezes estremecia a casa. Fazia parte do nosso cotidiano os estrondos e mesmo assim eu me assustava. Quando eu nasci, a fábrica já estava instalada e o senso de normalidade das pessoas de certa forma me tranquilizava. Quando ia para a casa da minha avó, que estava localizada em outro bairro, passava em frente à fábrica de explosivos *Rupturita S/A*. A única coisa que eu via era o portão enorme e um caminho infinito. Não conseguíamos avistar a fábrica a olho nu!

Lembro-me também do clube da fábrica, onde aconteciam as festas das pessoas da localidade, aconteceram vários casamentos, festas de debutante, festividades das igrejas locais, etc. Ah! Lembro-me do campo de futebol! Naquele período parecia uma fábrica criada para beneficiar a localidade. Mesmo eu sabendo pouca coisa sobre a potente indústria já tinha as minhas inquietações. Certa vez meu pai desempregado falou com minha mãe que não trabalharia naquele lugar e eu perguntei o porquê; ele disse: “Lá é muito perigoso!”. Minha mãe então retrucou: “Ainda mais que ele é alcoólatra”.

Ouvia desde pequena os relatos de minha mãe que meu avô materno trabalhara naquela fábrica e que, por referência, meus tios maternos também. Era uma empresa que pagava bem, porém tinha o risco de morrer, desaparecer sem deixar nenhum vestígio para a despedida dos familiares. Pela força das explosões que ocorriam frequentemente vários trabalhadores desapareciam e esse fato era temido por todos que estavam ligados direta e indiretamente com a fábrica.

Desconhecia totalmente o que eram aqueles produtos fabricados no meu bairro, me lembro de ainda na minha infância ter perguntado aos meus pais sobre a tal fábrica, mas a resposta era tão superficial que passei a não perguntar mais. Perguntava-me o porquê do meu território estava sendo ocupado pelas grandes empresas? Quais eram seus reais interesses pelo meu território? Mas as minhas perguntas não eram respondidas¹.

¹ Lembro-me que ainda na fase da infância, quando eu estava na casa de minha avó, que morava no bairro vizinho chamado Adrianópolis, eu avistava os inúmeros carros e ônibus de fábricas passando sempre de manhã e à tarde em direção a diversas outras fábricas.

Aos vinte anos de idade trabalhei como doméstica na Zona Sul (Botafogo-Humaitá). A distância entre trabalho e casa, passados alguns anos, me cansou! Resolvi querer trabalhar perto de casa, conversei com os meus respectivos patrões sobre aquela decisão que eu tomara e eles respeitaram mesmo sem concordar. Minha trajetória inicia com os envios de currículos para as tais empresas que conhecia, uma dessas empresas foi a *Condor S/A Indústria Química*². Passado algumas semanas o setor de Recursos Humanos da empresa entrou em contato comigo para uma possível entrevista; passei por todas as etapas! Mesmo não tendo experiências no ramo da indústria “eles” me contrataram alegando que necessitava da mão de obra feminina para os serviços manuais. Não fazia ideia de que serviços eram esses. Na primeira semana não trabalhei, fiquei em formação. No auditório onde acontecera a formação avistei vários quadros de celebridades políticas na parede, algumas reconheci, como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, Vereadores e outras “celebridades” que havia visto na televisão. Outra coisa que me chamou atenção naquele mesmo auditório foi a demonstração dos produtos que eram produzidos pela fábrica. Um auditório muito atrativo! Na semana seguinte, comecei a trabalhar, fui para o setor P30 (prédio 30), lá se produzia as alças das granadas³.

Aos vinte e cinco anos, em 2008, quando firmei o contrato de trabalho com a indústria de guerra, mal sabia o que estava acontecendo sobre os conflitos mundiais contemporâneos. Dois anos após a minha contratação eclode a Primavera Árabe⁴, e a forma de repressão dos levantes foram, na sua grande maioria, com a utilização dos armamentos não letais produzidos pela *Condor S/A*.

Os armamentos não letais surgiram para combater os movimentos sociais, início dos anos 1980, como forma de dispersão dos movimentos organizados das ruas. Nas manifestações de 2013, por exemplo, o Estado do Rio de Janeiro estava efetuando muitos pedidos. Nesse período trabalhamos sobre a escolta da Polícia Militar! Perguntei a um companheiro o porquê da permanência da PM e a resposta

² Nesse momento, a *Rupturita* já havia encerrado suas atividades, entretanto, instalou-se na região uma nova fábrica de armas, a *Condor S/A*.

³ Parte dos produtos que a Condor não letal fabrica encontra-se disponível em seu site: <http://www.condornaletal.com.br/produtos.php>

⁴ A Primavera Árabe: termo pelo qual ficaram conhecidas as manifestações, levantes nos países do Oriente Médio e Norte da África a partir do final de 2010.
Pesquisas em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11377/1/2015_LuizFelipeGondimRamos.pdf

dele foi a seguinte: “Descobriram a fábrica, querem invadir e quebrar tudo”. Perguntei quem teria descoberto. Ele respondeu: “Os vagabundos...”⁵.

Transformando a experiência em objeto de pesquisa

As inquietações como trabalhadora e familiar de trabalhadores da indústria de armas, que há tantas décadas funciona em meu território, acabaram sendo levadas para a universidade, no curso de *Licenciatura em Educação do Campo*. Após caminhar por diversos objetos de estudos ligados à minha realidade, enquanto moradora de uma região rural de Nova Iguaçu, no sétimo período as disciplinas *formas de desenvolvimento do capitalismo no Brasil contemporâneo e relações espaço-temporais do capitalismo no Rio de Janeiro*, nortearam esta pesquisa.

Esta pesquisa está sendo o resgate de um passado-presente do meu território, como lugar de espoliação e exploração das classes populares e da terra. Além disso, o tema fortalece o significado do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, a efetivação de uma visão contra-hegemônica na produção acadêmica. Fazer uma graduação popular significa no meu entendimento elaborar/pesquisar a nossa realidade de vida, atravessando o fio das gerações.

A memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. [...] Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação (BENJAMIN, 1994: p. 239).

A história da indústria da guerra em Nova Iguaçu foi e é um meio para escavar história dos vencidos, esse passado soterrado. E, segundo o filósofo, nesta exploração descobriremos que o nosso hoje conserva objetos daquele passado que sequer conhecíamos. Compreender essa história, contribui, ainda, com os esforços por trazer à tona as histórias abafadas da violência de Estado a partir de um setor fundamental para a continuidade e avanço das formas de repressão, ou seja, a indústria de armas e a produção científica sobre as tecnologias de guerra.

⁵ Muito já foi dito sobre a Condor e muito mais se poderia dizer, entretanto, deixemos para outro momento. Nosso objeto aqui é a Rupturita e Álvaro Alberto. Vamos a ele.

Em um trabalho de disciplina no 7º período da graduação, portanto, fui instigada a pesquisar sobre a fábrica de explosivos que se instalou no 3º Distrito de Nova Iguaçu-RJ, no período de 1946 à 1994 década do fim da Guerra Fria. Iniciei ouvindo os meus familiares, moradores do bairro e entrevistei ex trabalhadores da fábrica. Aqui, relatarei de forma inicial as minhas fontes primárias de pesquisa, que estão me possibilitando entender as violências e torturas que se passaram em meu território e que, as pessoas que o compõe ainda sofrem. Embasei-me nos atos oficiais que aprovaram a isenção de impostos, na fonte documental viva que é o senhor Manuel um ex trabalhador da fábrica de explosivos, do jornal Correio da Manhã na década de 1950 que noticiou inúmeras mortes e documentos que comprovam a desapropriação das áreas para a construção da fábrica. Este artigo apresenta o andamento da pesquisa, a partir destas fontes, para compreender a história do surgimento e consolidação da potente fábrica de explosivos *Rupturita S/A*, de propriedade do militar e cientista Álvaro Alberto Motta e Silva.

Para iniciar mostrarei a fonte documental que, posso dizer ser a mais rica em detalhes, emoção, memória e história. O senhor Manuel dos Santos, 84 anos, trabalhou na Rupturita S/A Explosivos no período de 05 de agosto de 1965 a 20 de novembro de 1994. A partir da narrativa do senhor Manuel, podemos abrir muitas questões sobre a história do território e da *Rupturita S/A*. Segundo Walter Benjamin,

A arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo para alguém narrar alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1994, p.197).

Mesmo não sabendo que a sua oralidade é, neste sentido, uma arte de narrar, senhor Manuel o faz com muito desembaraço. Narrou os fatos vivenciados por ele no período fabril.

Relatou que exerceu a tarefa de operar a máquina que fazia cartucho para explosivo; operava as máquinas 6 e 9. Relata que viu muitos companheiros de trabalho morrer em explosões acidentais ocorridas no interior da indústria. A história contada por ele, entretanto, não era nova. Em 9 de novembro de 1954, por exemplo, o jornal Correio da Manhã noticiou que 15 pessoas morreram em uma explosão na fábrica, exatamente na Seção de Encartuchamento. Segundo o jornal, foi um “quadro

pavoroso. Apresentando os corpos terrivelmente dilacerados pelo poder da explosão, jaziam misturados com os escombros todos os operários que momentos antes trabalhavam despreocupadamente” (Correio da Manhã, 9/11/1954). Dos 15 operários, 11 eram mulheres⁶.

Quando o senhor Manuel ingressou na fábrica estava no auge dos seus 32 anos, seu primeiro registro em carteira foi na mesma empresa que se aposentou. Antes de exercer a atividade fabril, relatou-me que lidava e vivia da terra.

Vivi na roça, nasci em Vassouras- RJ, lá plantávamos e colhia o que a terra nos presenteava... Depois que viemos para Nova Iguaçu papai e mamãe falou que eu tinha que me sustentar. Não tínhamos grandes lotes de terra, aí tive que trabalhar de carteira assinada, na Rupturita. (Entrevista realizada com Manuel dos Santos concedida à autora em 05/08/2017)

Na busca por elementos que dialogassem com o que eu ouvia ter acontecido no meu território, comecei a pesquisar na internet assuntos relacionados com ao nome da fábrica e o ano da instalação da mesma. Não apareciam fotos! Encontrei a partir desse momento o nome do mentor da indústria de explosivos, Álvaro Alberto da Motta Silva e alguns atos oficiais da década de 1950. Quando comecei a pesquisar sobre o Álvaro Alberto descobri que não se tratava de um mero empresário químico, mas, um Almirante da Marinha, que esteve presente em um episódio importante na história do Brasil, no mesmo navio que João Candido no episódio da *Revolta da Chibata*, lutando, contudo, no lado oposto dos marinheiros, reprimindo-os (ALBERTO, s/d).

Álvaro Alberto da Motta Silva estava exercendo suas atividades na Baixada Fluminense desde 1918, na região de Duque de Caxias, fabricando armamentos letais pela indústria *F.Venâncio & Cia*, que foram usados nos conflitos mundiais. Após segunda guerra mundial, no final da década de 1940, é que a *Rupturita S/A* se instala na região do 3º Distrito de Nova Iguaçu. O motivo que levou a mudança de Município foi o crescimento populacional de Duque de Caxias, com o qual a indústria não poderia mais fazer os seus testes, trazendo riscos às casas que estavam no entorno da fábrica. Um caso muito curioso é que o ano em que a indústria de explosivos sai de

⁶ A história das mulheres operárias da *Rupturita S/A* precisa ser melhor investigada. Segundo informações do Senhor Manuel, o trabalho das mulheres só foi regularizado, com carteira assinada, ao final da ditadura militar.

Duque de Caxias é o mesmo da emancipação do Município, que antes também pertencia a Nova Iguaçu.

Sabemos que transferência da fábrica para este território foi acompanhada de desapropriações, inclusive de terras de ricas famílias de capitalistas, como os Guinle (donos da *Cia. Fazendas Reunidas Normandia S/A*), com o apoio do Estado. Consta da Apelação Cível, nº 1714

A Fazenda Estadual, por seu procurador, propôs a presente desapropriação por utilidade pública, por conta e a favor da Sociedade Brasileira de Explosivos Rupturita S/A.

Por Decreto nº 607, de 7 de outubro de 1942, o Interventor Federal desapropriou uma área de terras de cerca de 710 hectares, no 3º distrito de Nova Iguaçu, formada pela antiga “Fazenda Olaria”.

Foi declarada de urgência a medida e, satisfeitas as condições estabelecidas, foi aprovada a planta pelo decreto nº 2155 (fl. 9), que não foi contestado. (BN: II-178, 7, 2, nº6)

A história desta desapropriação, entretanto, merece ser melhor estudada, pois nela não aparecem as pessoas que de fato moravam e que subsistiam produzindo e utilizando os recursos naturais locais desta região “sujeita a alagações, e propícia à malária que lhe impedia o surto do progresso”, como indica a seguinte passagem do mesmo documento: “Inadaptáveis a qualquer cultura, como ressaltam-se os laudos, resumia-se a economia local no fabrico de lenha que os senhores peritos tiveram ocasião da encontrar ainda empilhadas. (...) De forma que, *excetuadas as duas casas em mau estado, existentes nas proximidades da estação de Rio d’Ouro*, não há qualquer benfeitoria a encarecer o solo” (BN: II-178, 7, 2, nº6). Quem utilizava essas duas casas, seja para morar, ou para o trabalho? Quem havia empilhado a lenha?

A trajetória de Álvaro Alberto não está ligada apenas à gestão da indústria de armas, mas também como intelectual, pesquisador e formulador de políticas militares. No período em que a fábrica se instala no 3º Distrito, o almirante lecionava na Escola Naval como professor de química e explosivos. Álvaro Alberto participou da formulação do projeto de criação do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), em 1951, sendo nomeado como primeiro presidente do órgão. Atuou de forma direta no projeto nuclear de Angra 3 e a consequência foi ter seu nome na usina de Angra

(Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto), em uma escola Estadual e em um conjunto habitacional no Município de Angra dos Reis.

A importância do Almirante para as políticas e o desenvolvimento militar, industrial, e científico-tecnológico, se revelam em algumas ações do Estado que podemos perceber ao longo de toda a sua vida. Além da já citada desapropriação “por utilidade pública” do terreno em que se instalou a fábrica, identifiquei o decreto de 1962 que declara a fábrica como de interesse militar, de acordo com decretos de 1952 e de 1942 (Decreto nº 690 de 13/03/1962) e uma lei de 1963 que isenta a *Rupturita* do imposto de importação e consumo para a compra de equipamento para fabricação de nitroglicerina (Lei 4224, de 10/03/1963).

A *Rupturita S/A* foi responsável ainda pela fabricação de outros tipos de agentes químicos para além dos já destruidores explosivos. É o que podemos atestar a partir da notícia da Revista de Química Industrial, nº 459, de julho de 1970, que noticiou:

“Rupturita S/A explosivos (...) fabrica normalmente granadas de mão, de guerra ou lacrimogênicas (...).

Fabrica – além das linhas normais de dinamites – ácido nítrico concentrado, ácido sulfúrico (...), nitroglicerina e artefatos militares.

Criou, não faz muito tempo, um Departamento de formicidas, herbicidas e defensivos de lavoura, já em pleno funcionamento” (RQI, nº 459)⁷.

Cabe lembrar que em 1970 herbicidas já tinham sido utilizados como armas de guerra na 2ª Guerra e, especialmente no Vietnã (o Agente Laranja). Este ano também faz parte do período de maior recrudescimento da repressão da ditadura contra os movimentos de resistência⁸.

As biografias presentes em revistas militares e científicas exaltam a figura de Álvaro Alberto⁹. Neste artigo, contudo, procurei apontar como a ação deste militar

⁷ Interessante chamar a atenção de que esta notícia sobre a linha de produção da *Rupturita* é, em verdade, uma errata à respeito de uma notícia dada no número 456, sobre a fabricação de um gás paralisante para uso da polícia contra movimentos de criminosos, especialmente assaltos com mão armada (RQI, nº 456). O número 459 da revista retrata-se dizendo que a fábrica apenas havia recebido um dossiê da Secretaria de Segurança da Guanabara com estudos sobre a fabricação do gás.

⁸ É documentado o uso, na repressão aos movimentos do Vale do Ribeira e do Araguaia, de outro agente químico também presente no Vietnã; o Napalm.

⁹ Certamente, em um balanço futuro, deve-se realizar a análise sobre como a figura de Álvaro Alberto é exaltada, em diversos períodos, por revistas e órgãos militares e científicos, como, por exemplo, na Revista Militar de Ciência e Tecnologia (http://rmct.ime.eb.br/arquivos/RMCT_1_quad_2001/hist_explo_descobrid.pdf), ou pelo próprio

fomentou de forma incisiva a indústria de guerra no Rio de Janeiro, em particular na Baixada Fluminense, responsável por barbáries que assolam até os dias atuais o território campesino da classe trabalhadora menos favorecida da Baixada e do mundo.

Considerações Finais:

Este artigo, de forma simples, é uma voz de quem teve seu familiar morto dentro da fábrica de explosivos, que não pôde enterrar seu ente querido, das pessoas que tiveram suas casas rachadas pelos testes explosivos, dos trabalhadores que sobrevivem com alguma sequela seja ela física, psicológica e financeira, das mulheres que atuaram nos serviços fabris (que precisam ser ouvidas), dos moradores do território iguaçuano, em especial o 3º Distrito, que vêm lutando e resistindo à diversos ataques e, desta forma, se tornaram lutadores sobreviventes e não vencidos.

Trazer à tona a história silenciada é dar voz a classe popular trabalhadora, forçada a conviver com a guerra (em suas diversas dimensões) até os dias de hoje e que ainda não tem suas histórias contadas.

Escavando nossas ruínas, começamos a entender o que levou a instalação da *Rupturita Explosivos S/A* e da *Condor Tecnologias Não Letais* no território iguaçuano. Um Município rico em recursos naturais e afastado dos grandes centros foi um dos fatores, a mão de obra barata, a grandiosidade da extensão territorial e a facilidade de parceria com o Estado para desapropriar e expropriar a classe rural trabalhadora.

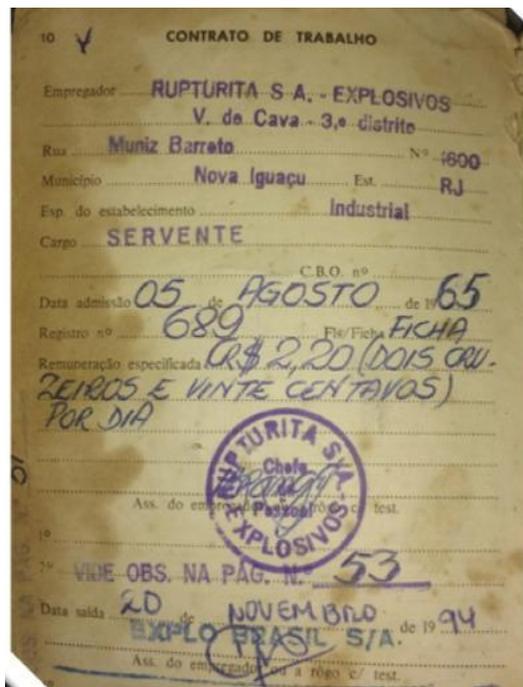
Concluo parcialmente, apontando para a necessidade de se compreender a figura de Álvaro Alberto da Motta Silva. Militar, químico e pesquisador, atravessou um longo e importante período na história do Brasil, desde antes da ditadura no Estado Novo, passando por esta, consolidando-se durante a república populista e mantendo e alargando sua importância na ditadura militar. Garantiu parcerias entre empresas privadas e o setor público civil e militar, explorando recursos naturais, desapropriando a classe trabalhadora/campesina do seu lugar de origem, corroborando com destruição de vidas dentro e fora do Brasil.

CNPq na instituição de seu centro de memória (<http://centrodememoria.cnpq.br/alvaro-alberto.html>) e de seu principal prêmio científico com o nome do Almirante, em parceria com a Marinha brasileira (<http://centrodememoria.cnpq.br/alvalb.pdf>) e <http://www.premioalvaroalberto.cnpq.br/doc/Regulamento%20PAAA%202017.pdf>).

Proseguindo com esta pesquisa, pretendo fazer levantamentos e análises, em um futuro próximo, sobre os números de mortes dentro da fábrica, as atividades desenvolvidas pelas mulheres, a quantidade de armamentos produzidos pela fábrica, a experiência das famílias desapropriadas e a partir de que período se deu a atuação do sindicato dos químicos. Para isso, pretendo dialogar com os trabalhos acadêmicos produzidos, fazer entrevistas com os ex-trabalhadores da fábrica, levantar o material sindical e analisar jornais e documentos oficiais já identificados em acervos públicos.

Noticiário do jornal Correio da Manhã. Retirada do site: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_06&pagfis=41869&url=http://memoria.bn.br/docreader#

De quinze mortos na explosão, onze delas eram mulheres.



Almirante Álvaro Alberto da Motta Silva. Inventor do explosivo Rupturita e mentor da fábrica. Biografia completa no site: <http://centrodememoria.cnpq.br/alvaro-alberto.html>

Referências Bibliográficas

ALBERTO, Álvaro (Verbete), Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. FGV, s/d. Presente em <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alvaro-alberto-da-mota-e-silva>

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-239 (Escrito em 1936 sob o título Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows)

RMCT (Revista Militar de Ciência e Tecnologia), v. XVIII, 2001, em http://rmct.ime.eb.br/arquivos/RMCT_1_quad_2001/hist_explo_descobrid.pdf

RQI (Revista de Química Industrial), nº 456, em <http://www.abq.org.br/rqi/edicoes-1970-1979.html>

RQI (Revista de Química Industrial), nº 459, em <http://www.abq.org.br/rqi/edicoes-1970-1979.html>

Fontes e sites:

Decreto nº 690 de 13/03/1962, em <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/79163-considera-a-fabrica-rupturita-sa-explosivos-como-de-interesse-militar.html>

Lei 4224, de 10/03/1963, em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4224.htm 30

BN: II-178, 7, 2, nº6 Apelação Cível, nº 1714

Correio da Manhã, 9/11/1954, presente em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

<http://centrodememoria.cnpq.br/alvaro-alberto.html>

<http://centrodememoria.cnpq.br/alvalb.pdf>

<http://www.premioalvaroalberto.cnpq.br/doc/Regulamento%20PAAA%202017.pdf>

<http://www.condornaletal.com.br/produtos.php> (Acessado no dia 22 de novembro de 2017).

<http://www.defesaaereanaval.com.br/um-cientista-uma-historia-almirante-alvaro-alberto-da-mota-e-silva/?print=pdf>

Fabrcia Nascimento Silva de Oliveira: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Licenciada em Educação do Campo. E-mail: fabriciansilva@yahoo.com.br

Artigo recebido para publicação em: Fevereiro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Março de 2018.

Como citar:

OLIVEIRA. Fabrícia Nascimento Silva de. Álvaro Alberto, um agente do estado e da guerra entre democracias e ditaduras: notas e trajetória de pesquisa. **Revista Transversos**. “**Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência**”. Rio de Janeiro, n.º. 12, pp. 296-307, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2018.33707

